O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 691

10 DE MARÇO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

EMILIO ZOLA

CHRONICA OCCIDENTAL

Será sempre assim a curiosidade publica, correndo atraz dos misterios, interessando-se pelas peripecias d'um crime ou das diligencias policiaes em descoberta d'elle, mais que por quantos assumptos devam chamar a attenção, porque d'elles dependa progresso da sciencia, das artes, do bem-estar da gente.

O crime de Almada, o Bigode, o seu punhal, navalha e cacete, as denuncias das testemunhas, cada passo da secreta, os interrogatorios do juiz, trazem suspensas todas as attenções e fazem cantar as moedas de dez réis nos cofres das administrações dos jornaes.

Zola e o seu processo são historia velha; o *Maine*, que foi pelos ares, a esquadra americana em Lisboa, o centenario da India em breve commemorado, que importam agora? De graça, ou quasi, e com aquelle acepipesinho da verdade que torna mais deliciosa a tragedia, os quadros dramaticos, dia a dia, vão-se desenrolando, prendendo cada vez mais os olhos, apurando as attenções, espicaçando as curiosidades. Não ha como um criminoso negar a pés juntos! A policia deita os bofes pela bocca, excava a terra, exgota os poços, arromba as gavetas, remexe os papeis, cheira as nodoas, examina as pégadas, e a curiosidade cada vez mais se estimula e os jornaes mais se vendem e as visinhas mais conversam. O grande heroe do seculo ainda é o Rocambole.

E lê-se a historia d'um crime como se lê um romance. No fim quer-se a moralidade, o criminoso castigado, que é para cada qual, acabado de lêr o jornal de noite que traz a discripção minuciosa do julgamento, ir para a cama depois do chá, com a consciencia tranquilla e a digestão bem feita.

E vamos a outro.

A victima afinal é quem menos importa. Morreu, acabou-se. O que se quer é a lucta, bem descripta, pormenorisada, de todos os agentes da justiça na pista do criminoso. Lá vão, pilha não pilha, uma focinhada agora, uma volta furtada logo depois, n'uma carreira de galgos atraz da lebre. E quando esta estiver corrida, em quanto outra não apparece, leremos Gaboriau ou veremos os *Dois garotos*.

Entretanto, outros assumptos deveriam mais chamar a attenção. Parece, porém, haver poucas disposições agora no publico para se occupar de altos interesses, como parecem ser as medidas de fazenda, que já dois *meetings* motivaram em Lisboa.

— Pois se vivemos perfeitamente com as cedulas?

E já ninguem acredita que possamos um dia voltar a ter as libras, que tão lindamente e por tantos annos tiniram cristalinamente sobre os balcões, tão conchegadamente encheram as algibeiras dos felizes.

Mudaram os tempos muito. Como o cavallo do inglez, que morreu, quando já se costumara a não comer, habituámo-nos á cedula suja e amiga do microbio, com ella vivemos contentes e podemos já d'alto e philosophicamente falar do vil metal. Costumados já nós estamos, o que é de receiar é o exemplo do cavallo.

As cedulas, entretanto, fazem milagres e fidalgamente acabamos de convidar as nações amigas, que são todas, a virem-nos visitar por occasião do quarto centenario do descobrimento do caminho da India. Que lhes daremos, afóra o clima esplendido, o azul intenso do céo de maio, as flôres dos nossos campos? Mas isso já é muito, isso é já coisa rara, e não devem voltar descontentes de todo os que de longe embarcarem para o jardim á beira-mar plantado.

O portuguez é essencialmente hospitaleiro. Quando abre as portas de sua casa, offerece de boa vontade o que tem, e a mais não póde ser obrigado. Pobresinhos como estamos, saberemos hospedar bizarramente os que nos quizerem honrar com sua visita. Um lavrador pequenino de aldeia perdida na charneca póde mais captivar-nos com o offerecimento d'um bom caldo verde e bróa, que um opulento banqueiro com o jantar, cujo *menù* publica o *high-life* dos jornaes.

Nada se sabe por emquanto a respeito dos espectaculos que nos differentes theatros de Lisboa se realisarão durante os dias festivos. Dizem as ultimas noticias que provavelmente a peça de José de Sousa Monteiro, premiada no concurso, será representada no theatro da Trindade. Officialmente, porém, nada consta.

Será pena, se nenhum theatro portuguez commemorar o facto mais notavel da nossa historia, tanto mais que alguns d'elles estão, pelos bons elementos de que dispõem, perfeitamente aptos para bem desempenhar-se da honrosa missão.

E' possivel que se resolvam as difficuldades que hoje contrariam a boa vontade das emprezas theatraes, taes como as grandes despezas exigidas pela maior parte das peças expressamente escriptas para celebrar algum facto da nossa historia na India, e que, com a boa vontade do governo ou da commissão executiva, tenhamos o prazer de applaudir algum dos nossos primeiros dramaturgos.

Emquanto esperamos, o que já não póde ser por muito tempo, pois o centenario está á porta, passemos uma vista d'olhos sobre os theatros, que mais teem dado ultimamente que falar, sem deixarmos no esquecimento o de S. Carlos, onde este anno, e pela primeira vez em Lisboa, ouvimos uma opera de Saint-Saens.

O nome do compositor é sufficiente para classificar o facto como verdadeiro acontecimento artistico.

Saint-Saens era apenas conhecido entre nós por alguns trechos tocados em concertos e notoriamente pela *Danse macabre*. Auctor das operas *Étienne Marcel Henrique VIII, Ascanio, Proserpine*, etc., ha muito, era considerado como primeiro entre os primeiros compositores francezes.

A opera, como não devia deixar de ser, foi acolhida em S. Carlos com unanimes applausos, sendo bisado o bailado das sacerdotizas e acclamados nos finaes dos actos os interpretes, Parsi, Garulli e Bellati e os maestros Campanini e Alneinana.

D'esta vez a policia, espantada e atarantada, nada teve que fazer em S. Carlos.

Feliz, tambem, tem andado o visinho D. Amelia com a sua companhia de zarzuela, em cujo elenco Nadal, o comico querido dos portuguezes, continúa a figurar em letras muito grandes. Um verdadeiro exito a ultima novidade de Madrid, *As Revoltosas*.

Em D. Maria aprompta-se a peça de Lino de Assumpção, *Ajuste de Contas* e no Gymnasio prepara-se grande festa no dia 10 a Joaquim de Almeida o protagonista feliz do *Papá Lebonnard*.

Annuncia-se para muito breve a vinda a Lisboa da celebre actriz italiana. Duse, que representará cinco peças do seu repertorio, entre as quaes a *Magda*, a *Princeza de Bagdad* e a *Dama das Camelias*

Pouco depois, teremos a visita do grande Novelli, de todos os actores estrangeiros ultimamente vindos a Lisboa o que mais fundas saudades nos deixou. Tendo feito a estação de carnaval em Turim, foram enormes as ovações que obteve, distinguindo-se á frente dos espectadores, applaudindo-o, o grande Salvini, que ainda, ha pouco mais d'um anno, em Roma, com elle representára o *Othello*, fazendo Novelli o papel de *Iago*.

Não faltarão noites de festa no theatro D. Amelia.

Bemvindos sejam sempre entre nós as companhias estrangeiras, quando á sua frente, aureoladas, tragam nomes d'estes, Duse, Novelli.

A arte tudo tem a ganhar. Conhecemos por elles o que as litteraturas estrangeiras teem de melhor produzido e elles servem de escola aos nossos actores Compensem-nos assim de tanta coisa detestavel que outras companhias nos hão trazido, que tambem foram applaudidas e que vieram ajudar, com a concorrencia que tiveram e a que vulgarmente se chama *selecta*, a estragar o que por ahi ainda havia de são no bom gosto e na decencia.

E até junho não faltarão noticias theatraes e, sem sermos adivinhão, boas noites d'arte e applausos. Depois...

Quem sabe o que será depois? Para quando guardará o governo a abertura do concurso para o theatro de D. Maria? Diz-se que se está tratando da elaboração do novo programma. Por emquanto, nada se sabe e ha muito que o concurso deveria de estar aberto e decidido. Se os mesmos emprezarios teem de ficar, bom era que o soubessemos desde já e com que annos de exploração podem contar; se outros teem de vir, não seria bom que desde já se fossem preparando?

Parece-me que sim. A outros parece-lhes que não. E afinal, como ninguem se importa com coisa alguma, o que a quasi todos parece é que.... nem que sim, nem que não.

João da Camara.

ZOLA

Para traçar, na estreita exigencia d'este espaço, o perfil de Zola seria preciso essa *touche* de simplicidade forte, esse vigor incisivo de adivinhação interior que David d'Angers imprimia aos seus medalhões, que são resumos d'almas. Atravez do bracejar ululante que esbraveja em todo o apailenamento d'aquelle grande obreiro, colleando por entre o scenario das suas prodigiosas forças collectivas, ou sejam as multidões ou o mar, as rumorosas florestas ou as fabricas impacientes, uma ideia domina, dolorosa e resignada, como um *leitmotiv* de opera, e que é esse grito de inenarravel tedio, a orlar como uma babugem, a farandola sempre renovada dos nossos sonhos. Sob as paginas de arte, os idyllios e as tragedias, mesmo quando um cantico de esperança retine pelas madrugadas claras, uma nota de violino parece fazer apello á irremediavel tristeza, como um veio negro riscando uma brancura de marmore.

Na primeira entrevista que Zola teve com os Goncourt, ficou stenographada em fórma lapidária essa nota dolorida que riscou uma surpreza na primeira impressão que os dois observadores tiveram do futuro romancista: «Zola lembra a revoltada victima de uma doença de coração.» Ainda moço, apparece inquieto, derrancado, com nervosismos de mulher e desanimos de grande aborrecido. Procura, interroga, tateia o filão que demanda o El-Dorado da Verdade. Precisava de um refugio, lançou-se na anciada caravana dos experimentalistas que cantaram no começo do seculo o salutar predominio de Sciencia. Era uma fé nova, um grande bordão a que se enrolava, como n'um tyrso, o canto do trabalho. Tomando uma das suas formulas mais audazes, Zola lançou o temerario programma, enraizando as suas esperanças no ardor que então fremia nos laboratorios: «o vicio e a virtude são dois productos como o vitriolo e o assucar.»

Mas elementos atávicos não tardaram a surgir em correntes antagónicas, e a investigação de sêcca analyse começou a bordar-se de interrogações espiritualistas, o positivista sentia dentro de si anceios de metaphysico, e o auctor da arvore geneologica do *Rougon Macquart*, arrasta o pobre Jacques, da *Bête Humaine*, n'um quasi monologo de Hamlet. A logica do gaulez sentiu-se enroscada pela imaginação do veneziano, e é assim que a sua obra lembra um collossal organismo cujo systema nervoso obedecesse ao equilibrio das leis physiologicas, mas cujos membros terminassem em flores de sonho, tisnadas já de duvida, mas crescendo sempre para a dôr, que é a sua eterna condição.

A mancha de sangue que alastra no pequenino cemiterio provençal como a mortalha da creança idealista, que é o sello da fortuna dos Rougon, ala-se em symbolo, cresce atravez da obra de Zola como uma madrugada de sangue, e incendiando todos os meios de uma sociedade, vem ter o ultimo acto n'essa colera de chauvinismo inconsciente que ha dias fez rugir a turba do Palacio de Justiça. *Verité, Humanité, Justice.* Em todos os livros de Zola estruge o grito de libertação, em todos uma tristeza amarga orla de duvida e magico appello. A sua entrada na questão Dreyfus não é mais que essa intima necessidade de buscadores de ideal que nos leva a escolher um caminho de cardos. Sahindo da lucta para a multidão, o grande escriptor não fez mais que representar um capitulo dos seus livros

Experimentou, entrou como actor, passou da imaginação para a realidade. Não tinha elle já na sua resignada philosophia a presciencia d'este desenlace? A sua piedade não fôra já sufficientemente amargurada pelo desenvolvimento fatal da sua logica de observador? Que força o impelliu? Que doirada esperança de um mundo melhor? Que abstracta noção do homem perfeito? O *leit-motiv* que em surdina, baixinho, muito baixinho, nos faz um vinco de tristeza mesmo na mascula symphonica dos seus paineis, foi n'esta questão judicial vociferado por milhares de bôccas, as da sua patria, as da sua raça, e que mais que nenhuma outra lhe deviam escavar mais fundo a ruga de amargor que lhe sulca a fronte scismadora.

Mas d'onde vem esse magico poder de seducção, esse contentamento vibrante que nos agita, como se um ar de festa nos oxigenasse o sangue, ao fim d'uma leitura dos seus livros, mesmo arquajantes pela encosta tragica por onde elle nos leva? Atravez da fulligem das suas fabricas, do negrume das suas consciencias, da irreductivel miseria dos seus desgraçados, que retinir salutar de bigorna nos eleva a arca do peito como um cantico que ascende em divina aureola? E' que sobre a amargura estructural do homem, sob essa

permanente angustia de sonhos derruidos, mesmo até com o cadaver dos proprios sonhos, irrompe a soberana noção do esforço, a condemnação antiga do trabalho transformada em risos balsamicos, e que domina, muito alto, o nosso coração confrangido, n'uma graça bucolica de frauta pastoril. E' esse revoltado que sahe, aos vinte annos cheio de cabellos brancos, da arterialisação dantesca das minas, escutando *germinal* a crepitar sob a neve que funde; é Sandoz sentindo acudir-lhe aos labios o grito do trabalho quando a ultima pá de terra nivella na valla commum a chimera do grande pintor incompleto, com as outras chimeras, suas irmans no grande seio; é ainda esse obscuro soldado que ao fim da grande *débâcle*, pensa nos campos a que o roubaram, e em toda uma sementeira que espera o movimento fecundo do seu gesto, *o gesto augusto*. Na fórma episodica dos cyclos litterarios, a obra de Zola viverá como o mais complexo padrão de uma epocha: será Historia, Phsycologia, Philosophia. Porque, como Hugo, seu irmão gemeo, romantico como elle, é o que mais de perto encarou os inquietos problemas do seculo, aquelle em cuja obra maior somma de piedade attenua maior somma de impaciencia. Lembra uma nave immensa, talhada em arrojados basaltos de gruta submarina, onde gottejam como por uma face de enygma os irreparaveis prantos d'esta edade. Pelo seu esforço, pela sua serena presistencia e altivo isolamento, é o que com maior pureza e mais rude esforço representa o typo do homem a que se deve chamar — o homem-de-lettras.

João Barreira.

UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE

II

O AZYLO DOS CEGOS

Ás 2 horas é que se realisava a ceremonia da inauguração das officinas *Branco Rodrigues*, no Azylo dos Cegos, e por isso não precisava madrugar quem de madrugada se tinha deitado.

Branco Rodrigues ainda, pelas nove horas, me bateu á porta do quarto, para irmos á Senhora da Penha, uma capellinha, no alto da serra, d'onde se disfructa um lindo panorama, mas informado de que lá não havia lagarto para vêr, como na Senhora da Penha, em Lisboa, não me seduziu, n'aquella occasião, o lindo panorama, e virei-me para o outro lado.

Apesar, porem, d'esta condemnavel preguiça, ás 11 horas já dava o meu passeio pelo Rocio, curioso de conhecer a terra, que pela primeira vez visitava. O Rocio era uma enorme praça, com bons predios em volta e varias edificações ao centro. Casas de paredes muito brancas e cantarias muito escuras.

Uma parte d'esta praça é arborisada e a meio do recinto arborisado está um monumento eregido a D Pedro V, tributo expontaneo da gratidão dos castelvidenses ao chorado monarcha, pela visita que elle fez á villa, em 1856.

E um monumento levantado pelo povo, como de resto são todos os que saem da algibeira dos contribuintes, mas com este dá-se a pouco vulgar circumstancia de ter sido por livre vontade de todos, porque ricos e pobres para elle concorreram, chegando os que não tinham dinheiro, a dar uma medidinha de milho ou de legumes, conforme podiam, para lá terem tambem o seu quinhão.

Pois nem por isso os altos poderes do estado tem sabido corresponder a esta expontanea e sincera prova de amor de um povo ao seu rei, mandando para ali um destacamento, quando mais não fosse, fazer guarda de honra á estatua.

Era uma prova de respeito pela memoria do monarcha e de consideração pelo povo castelvidense, pois quanto á conservação do monumento ninguem lhe toca, e elle lá está intacto como na hora em que se concluiu, permittindo o avaliar-se bem a obra de Victor Bastos, auctor da estatua.

Notei, proximo d'este monumento, dois coretos de madeira, um tanto decadentes, e que bem poderiam ser transformados em um coreto mais solido e mais elegante. Mas alguem me observou que aquelles dois coretos representavam dois partidos politicos, o regenerador e o progressista, no que se via que nem um regenerava nem outro progredia a não ser na ruina que ameaçava ambos.

Ao deputado do districto, que penso ser o sr. dr. Laranjo, cumpre interceder perante o governo pela restauração do coreto de Castello de Vide, para que os trombones progressistas ali possam soprar hymnos ao sr. José Luciano «á altura da gravidade das circumstancias,» porque de contrario o coreto jazerá abandonado, tanto mais depois do apartamento do concelho de Marvão.

E nos paços do concelho vamos agora entrar. Um bom edificio, com suas tres frentes, construcção, que me pareceu, do seculo passado.

Na frente principal tem uma grande varanda ou terraço para onde se sobe por duas largas escadas de pedra, de dois lanços que dão entrada no edificio

Além das repartições da camara, accomodam-se ali as da fazenda e o tribunal, que tem sua sala de audiencias com estrado, e sobre este a mesa e cadeira da presidencia, tudo decorado com figuras de anjos pintaroladas a vermelho e amarello, o que achámos demasiado gosto decorativo, pouco em harmonia com a severidade do logar. Mas em todo o Alemtejo são vulgares estas pintarolices de cores vivas, restos, sem duvida, de tradições arabes de que se encontram outros vestigios, até nos cantares.

Continuei o meu passeio e vi approximar-se uma procissão, com seus pendões, cruzes e cereaes, que se dirigia para a egreja ou freguezia, templo de grandes proporções e cujas torres se elevam a muita altura dominando para todos os lados da praça,

Fechava a procissão o palio sob o qual ia o reverendo parocho, que levava uns papeis na mão!

O que seria ?!

Movido de curiosidade entrei no templo, mas não sem me deter alguns momentos a vêr o portico, de architectura da Renascença, bem trabalhado em pedra granito, especialmente umas armas que decoram a parte superior.

O povo quasi enchia a egreja, apesar d'esta ser grande, e o reverendo pastor subia ao pulpito para fallar ao seu rebanho.

Apurei-me todo ouvidos para saber de que se tratava, pois não via mais signaes de festa.

Então o orador, com modo paternal e amigo dirigiu-se ao auditorio, que o escutava attento, e annunciou a Bula da Santa Cruzada, exaltando as vantagens que alcançavam aquelles que a adquiriam, em graças e indulgencias, e como se applicava o seu rendimento, porque, em fim, todas aquellas graças e indulgencias se obtinham a troco de uma esmola maior ou menor, conforme as posses de quem a dava. E aqui, notei, que o reverendo prior explicava, com certa minuciosidade a esmola que correspondia a este ou áquelle rendimento, desde os que tinham quatrocentos ou quinhentos mil réis de renda até aos que não tinham nada!...

A minha curiosidade estava satisfeita, exactamente o contrario do que acontecia ao meu estomago Acudiu-lhe carinhosamente com um bello almoço o sr. dr. Aniceto o meu amphitryão, cavalheiro tão afavel no trato como illusttrado, confirmando plenamente os bons creditos que o acompanhavam da Universidade, onde foi um estudante dos mais laureados, no curso de medicina.

O sr. dr. Aniceto d'Oliveira Xavier é actualmente o medico de Castello de Vide e o presidente da direcção do Asylo dos Cegos, que tem tido n'elle um desvelado protector.

A direcção compõe-se, além do presidente, do secretario, o rev.º Antonio José Ferreira da Trindade; thesoureiro o sr. José d'Assumpção Mimoso, pharmaceutico pela Universidade de Coimbra e dos vogaes os srs. Antonio José Repenicado e Henrique do Carmo Gonçalves.

Tem sido sob a actual direcção que o Asylo dos Cegos, fundado, em 1863 pelo benemerito dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, attingiu maior desenvolvimento entrando em uma nova phase, que, por assim dizer, o transformou n'um asylo-escola, onde os rapazes cegos recebem não só educação litteraria, como aprendem musica e por ultimo a fazerem canastras.

Vamos ter occasião de apreciar os trabalhos dos ceguinhos, e como de uns infelizes a quem o destino parecia condemnar á triste eterna mercê da caridade, se podem fazer homens prestantes, que vivam pelo seu trabalho, sem pezar no proximo

A escola e a officina, os dois grandes laboratorios da riqueza social, lá estão estabelecidos no velho convento franciscano, onde hoje se albergam os pobres cegos.

Quando ali entrei acompanhado pelos illustres membros da direcção, foi-me apresentado o rev.º padre Severino Diniz Porto, regente e professor do asylo, um benemerito protector dos pobres ceguinhos a quem elle dedica affectos paternaes.

Que bella comprehensão do sacerdocio, no altar e na escola, e como á sua dedicação e disvellos se deve o adeantamento dos asylados, conseguindo no curto espaço de dois annos levar a exame, ao lyceu de Portalegre cinco ou seis rapazes de entre uns vinte asylados que frequentam a aula.

O ensino é pelo systema *Braille*, como nos melhores institutos de Paris e Londres, e para a communicação entre cegos e os que vêem adoptou-se o systema *Braille-Bellu*. E os cegos lêem e escrevem com extrema facilidade. como facilmente gravaram o meu nome em um papel, a pontinhos por meio da regua quadriculada de *Braille*. A arithmetica é-lhes ensinada com o auxilio do *Cubarithmo*, inventado pelo professor Martin do Instituto Nacional de Cegos de Paris.

Mas por muito que nos admirasse ver os cegos escreverem e lerem com tanta facilidade, não nos surprehendeu pouco o ouvil-os tocar, na sua fanfarra um variado reportorio de peças de musica, na maioria grandes trechos de operas, com afinação inexcedivel, tirando dos instrumentos todo o valor sonoro que tem, de modo que uns dez ou doze musicos produziam o effeito de uma banda numerosa.

Este bello resultado deve-se, sem duvida, ao excellente methodo de ensino empregado por D. Vicente, um hespanhol, professor de musica, que vive ha muitos annos em Castello de Vide, e que muito desinteressadamente tomou a seu cargo ensinar os cegos.

De desinteresses e dedicações se tem formado aquella util instituição, que assim tem progredido, mau grado, talvez, de alguns pragoentos, que, pelo que me constou, tambem ali não faltam como em toda a parte abundam.

O resultado d'essas dedicações era ainda a festa a que todos iamos assistir, a inauguração das officinas *Branco Rodrigues*.

Ao velho convento foi annexada uma nova construcção, ligeira e simples, para officina de canastras feitas pelos cegos. Essa construcção é a que se vê á esquerda da gravura que representa a vista exterior do asylo.

Era esta officina que a direcção do asylo inaugurava n'aquelle dia e para o que fez varios convites, de que eu fui um dos contemplados.

Cerimonia mais tocante do que aparatosa, como é proprio d'um asylo de caridade, em que seria condemnavel desperdicio gastar dinheiro em decorações espalhafatosas ou estrepitosos foguetes. A fanfarra dos cegos bastava para alegrar a festa quando não fosse a satisfação de ver realisado um melhoramento tão importante n'aquella casa de asylados.

Depois que simplicidade. Descobrir apenas uma lapide, por cima da porta da officina, onde se lia: *Officinas Branco Rodrigues*, nome que a direcção do asylo entendeu, e muito bem, dar áquella casa, cuja ideia tivera o professor Branco Rodrigues e para a realisação da qual concorrera com quinhentos mil réis, producto de assignaturas do *Jornal dos Cegos*, impresso por conta do Estado, mas de que elle é o director

Assim o disse o sr. dr. Aniceto d'Oliveira Xavier, no discurso que proferiu ao descobrir a lapide, fazendo a historia no novo estabelecimento que ali se inaugurava e para o qual tambem concorrera largamente com a sua bolsa e o seu trabalho o vogal da direcção, sr. Antonio José Repenicado, um coração de ouro que se compraz em fazer bem, como a maior satisfação da sua alma boa e generosa.

Branco Rodrigues historiou as instituições de asylos para cegos desde a primeira, fundada em França por Luiz XIII, ou S. Luiz, até a actualidade, em que centenares de institutos d'esta ordem, mais ou menos desenvolvidos, se encontram por todo o mundo civilisado, minorando a triste sorte dos infelizes cegos

O sr. Assumpção Mimouso, um enthusiasta tambem pelos progressos d'aquella instituição de caridade de que é o thezoureiro, teve palavras de louvor para os que mais se tinham empenhado na realisação d'aquelle melhoramento, o sr. dr. Aniceto e o sr. Repinicado, o qual as agradeceu muito commovido.

Era occasião de entrar na officina onde os operarios cegos iam trabalhar em presença do publico que enchia a casa. Antes, porém de principiarem o seu labor, o regente do azylo, rev.º Severino Diniz Porto fallou larga e eloquentemente da vida do azylo e da importancia das officinas que se inauguravam, não esquecendo as difficuldades que foi mister vencer para chegar á sua realisação. Teve phrases de enthusiasmo que emocionaram o auditorio e me enthusiasmaram de modo, que não pude ficar silencioso.

Fallei tambem.

A festa não podia ser mais sympathica. Celebrava um grande passo dado para a regeneração dos cegos em Portugal, e esse passo quem primeiro o dava era uma terra de provincia, a mais encantadora villa do Alemtejo, Castello de Vide.

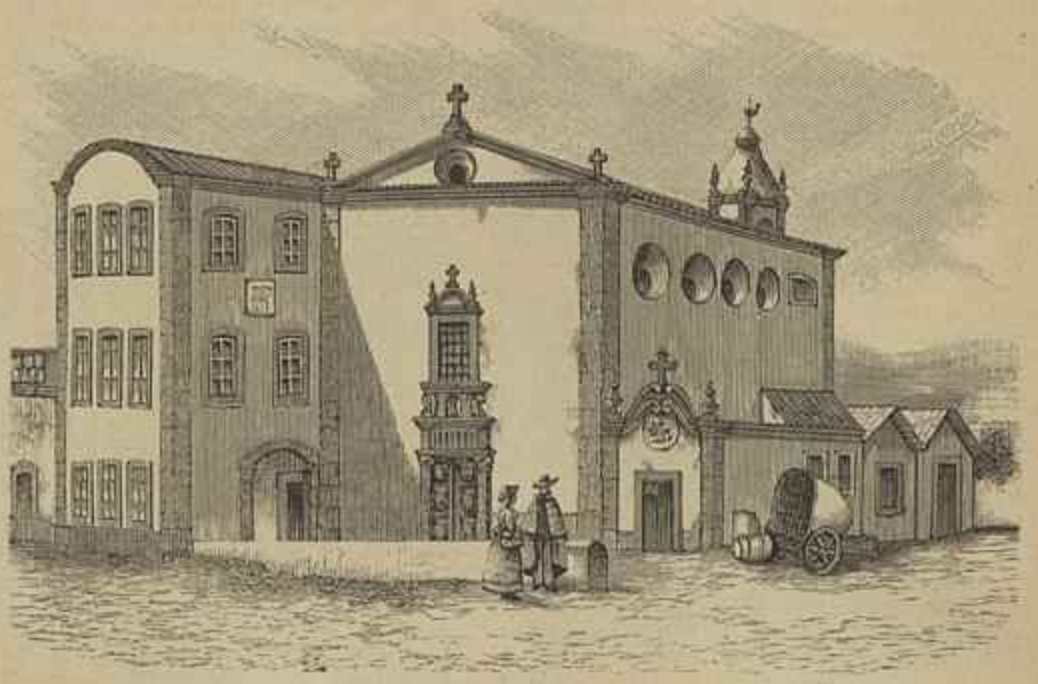
UMA VISITA A CASTELLO DE VIDE

Podia orgulhar-se de possuir o que não tinha Lisboa, a capital do reino, onde não existia um instituto para cegos tão completo como aquelle ficava com o estabelecimento das officinas *Branco Rodrigues*, em que os cegos, pelo seu trabalho podiam conquistar foros de cidadãos prestantes, uteis á sociedade. Era uma maravilha, pela qual me corria o dever de felicitar a illustrada e benemerita direcção d'aquelle asylo, e a villa de Castello de Vide por abrigar dentro das suas gloriosas muralhas um instituto tão moderno, tão civilisador, como as primeiras capitaes do mundo.

E terminei as minhas mal alinhavadas phrases, inspiradas no momento, para não demorar o vêr trabalhar os cegos, que me despertavam o maior interesse.

De facto surprehendeu-me o seu labor. A perfeição com que preparavam as fasquias de castanho, desengrossando-as e galgando-as a ficarem todas eguaes, e isto pelo tacto, como muitos com vista o não fariam, a presteza com que armavam as canastras e cestinhos de mão bem acabados, tudo constituio para mim uma surpreza agradavel e penso que a tôdos que pela primeira vez assistiam aquelle trabalho.

A aptidão que os cegos mostravam éra susceptivel de se applicar a outras industrias; ali, porém, tinha mais razão de ser esta, pela circumstancia da materia prima, — a madeira de castanho — abundar n'aquelles sitios, e as canastras terem immediato consumo na terra para a exportação de carnes ensacadas, alem das encommendas de Lisboa, já importantes.



O AZYLO DOS CEGOS

Foi a sr.ª D. Maria José Rosa d'Almeida, que no cumprimento da vontade de seu marido José d'Almeida Sarzedas, legou duzentos contos para a fundação d'aquelle asylo, inaugurado em 20 de junho de 1897 e que é hoje o melhor edificio da villa.

A visita que fizemos foi muito de corrida, por que o sol ia a desapparecer e a noite a aproximar-se.

Vi a capella, as salas das visitas e da direcção, dispostas com luxo, reposteiros, banbinellas, cadeiras e sophas estofados, etc.; as aulas de primeiras letras e de lavoures, regidas pela professora a sr.ª D. Irene Bettencourt; os dormitorios, refeitorio, casa de lavagens, e quartos de banhos, cosinha, escriptorio e rouparia, e um bando de alegres creanças que brincava no jardim.

Tudo em grande aceio e boa ordem, o que muito honra a regente do asylo, a sr D. Adelaidede Brito.

Coisa curiosa! O asylo póde admittir cincoenta ou mais creanças, mas só tem trinta e cinco porque não ha mais pretendentes. Mudassem-n'o aqui para Lisboa, e veriam como os pretendentes eram aos milhares.

OS CEGOS FAZENDO CANASTRAS

O producto do trabalho dos cegos é para elles, o que constitue um peculio com que mais tarde poderão sahir do azylo e exercer a sua industria onde quizerem.

Terminada a ceremonia da inauguração das officinas, passou-se ao refeitorio onde os asylados comeram, com bom apetite, o seu jantar de familia, muito bom, com vinho e sobremeza de laranja e pratinho de arroz dôce a cada um.

Nenhum errava a bocca, apesar da casa apenas ter uma janelinha que mal deixava passar a claridade do dia.

E em geral notei esta falta em quasi todas as dependencias do asylo que precorri, consequencia do edificio não ter sido feito para aquelle fim, mas ser um convento, que apesar de todas as modificações n'elle introduzidas não tem conseguido apropriál-o devidamente.

E' esta uma das difficuldades com que a direcção do asylo tem luctado, e que decerto não teria se de principio construisse um edificio apropriado, não mais dispendioso que o custo do velho convento com todas as obras que lhe tem feito.

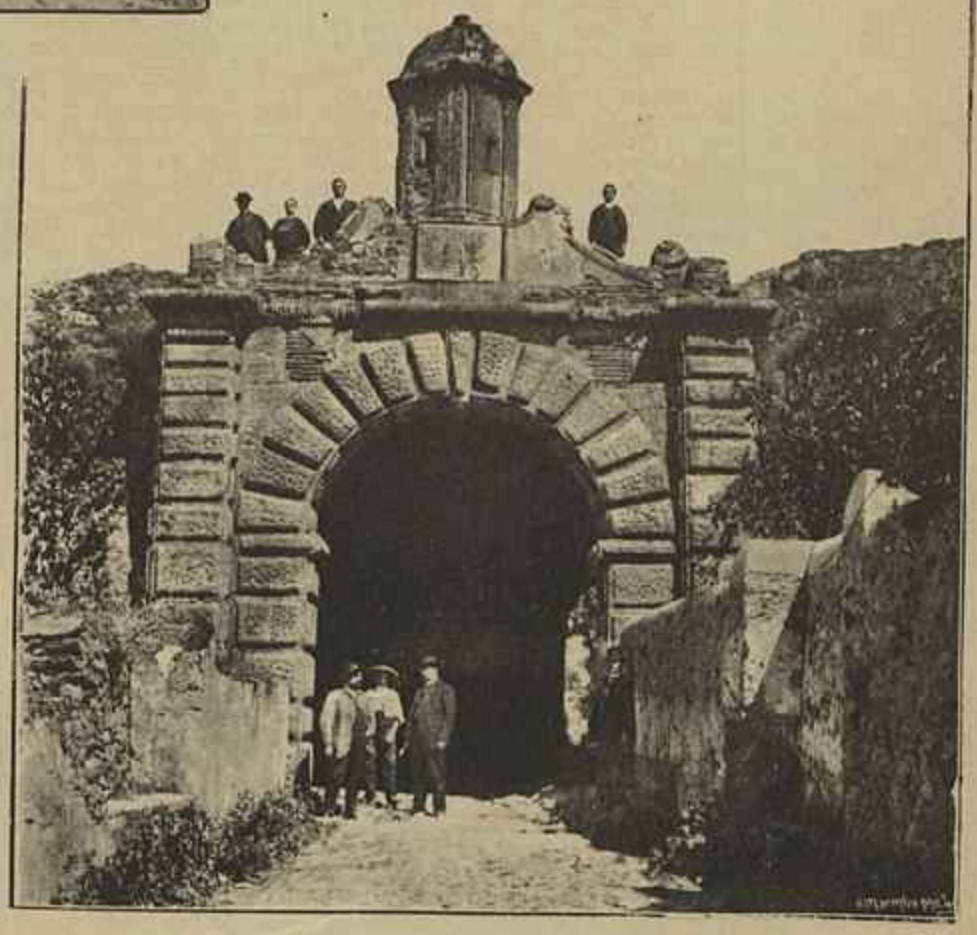
Mas a letra do testamento do fundador é que não premittiu isso, porque era sua vontade expressa que o asylo se fundaria no ex-convento franciscano.

Respeitemos a ultima vontade dos mortos, mesmo por causa dos vivos, que não faltaram a demandar tão santa instituição.

Seria longo e pouco edificante relatar as chicanas que alguns herdeiros do benemerito testador, oppozeram a essa sua ultima vontade, e por isso passemos antes a visitar um outro asylo para raparigas pobres, que defronta com o velho convento.

E' o asylo do Espirito Santo, vasto edificio, construido expressamente para aquelle fim, com todas as commodidades e até luxo, que contrasta singularmente com a modestia do seu visinho fronteiro.

Mas é que para aquelle não houve restrições e antes uma larga doação, que permittiu aquellas grandezas.



A PORTA DE ARAMENHA

Para construir o edificio, que occupa uma area grande, foi preciso demolir uma porta que existia n'aquelle terreno e que para ali fôra transportada da antiga Medobriga, hoje villa de Aremanha. Esta porta veio substituir em 1710 a porta do Castello denominada do Carro, como diz Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno.*

O meu amigo sr. Francisco Xavier Tavares Roza, muito versado em lettras e antigualhas da sua formosa terra, tambem me fallou d'aquella porta, e das muitas deligencias que fez para evitar a sua demolição, mas tudo foi inutil, e, apesar de ter alcançado ordem do ministerio das obras publicas para que o portico se removesse d'ali para outro local da villa, o camartello tinha-o destruido, e as pedras sido enterradas nos alicerces do muro de soporte, que divide o jardim da horta do asylo.

D'este arco ou portico só resta a memoria, n'uma inscripção encravada no dito muro, e algumas photographias de que a gravura a pag. 22 é copia, e que vae como curiosidade historica da villa, embora não concordemos com a antiguidade que lhe é attribuida de ser um portico romano ou que sei eu.

(Continúa). *Caetano Alberto.*

AMOR E TRABALHO

AS NOSSAS GRAVURAS

AMOR E TRABALHO

Oh! artistas que cultivaes o realismo, aprendei n'este quadro. Vêde como é sympathico o assumpto e como elle emociona docemente quem o admira. Deixae-vos, oh! artistas transviados de representar na tela tanta cousa que nada tem de emotivo. Só o que é bello constitue arte, só o que é puro e nobre póde fallar ao coração e ao espirito.

Aquelle infante que brinca no berço, mal podendo alçar o bracinho roliço, é uma graciosa representação da verdade. A mãe que se distrae do trabalho para brincar com o filhinho, negaceando-lhe com o fuso, é o emblema do trabalho e do amor. Do amor mais puro e mais santo que a humanidade conhece e disfructa.

Como aos sorrisos angelicos da criancinha, que anceia e se esforça por apoderar-se do fuso suspenso e voltejante no ar, corresponde a venturosa alegria da boa mãe, que se revê no ser querido, no filhinho amado.

Na soleira da porta, atravessado nos degrãos, está o berço de madeira, de forma tão peculiar dos nossos costumes e aos de quasi todos os povos. Assentada junto d'elle estava a mãe fiando o linho para as primeiras camizinhas do innocente.

Ahi no quadro se vêem a mãe e a ama duas entidades n'uma só e que hoje tão raramente andam juntas na sociedade elegante, onde as mães desprezam a formosa corôa da amamentação, que tantos encantos possue e tanto symbolisa porque dá a vida ao innocente que achega ao seio.

Amôr e trabalho, tal é o titulo do nosso quadro. Da justeza da designação e da bondade do assumpto não podemos duvidar; antes dizemos ainda que constitue uma obra d'arte deveras apreciavel.

FREI JOÃO DE NOSSA SENHORA

Frei João de Nossa Senhora nasceu em 12 de Junho de 1701 na aldeia do Freixial de baixo, freguezia de Santa Maria Magdalena, de Aldeiagavinha, concelho de Alemquer. Seus paes, Antonio Luiz Arelho, natural do logar d'esse nome junto á lagôa de Obidos, e Maria Carvalho, natural do Freixial de cima, no mesmo concelho de Alemquer, pertencentes á classe dos cultivadores do solo, eram conhecidos como honestos e devotos, e, sobretudo, dedicados ás Ordens Religiosas, cujos membros acolhiam sempre com a maior caridade e veneração. Dos cinco filhos d'estes virtuosos consortes frei João foi o terceiro.

Os tempos da sua infancia foram passados na quinta da Lagem, importante propriedade d'aquella região, aonde seus pais residião. Diversos incidentes proprios d'essa idade são relatados pelos seus biographos dando-lhes demasiada importancia, mas de tudo se colhe que, n'essa epocha nada n'elle indicava um futuro notavel. Pelo contrario, nas primeiras letras que aprendeu no convento do Mato, da Ordem de S. Jeronymo, mostrou pouco talento, e até uma grande repugnancia para o estudo, devida talvez a austeridade do professor monastico; porque, mais tarde, passando a ser leccionado pelo Cura da freguezia de Aldeia gavinha que tinha sido mestre dos filhos do Marquez de Alegrete, affeiçoou-se um pouco das letras, e tornou-se um estudante diligente, distinguindo-se na lingua latina e na poesia.

Taes foram os dotes que o professor n'elle notou, que a sua primeira ideia foi de o introduzir na Ordem de Jesus; mas outras influencias venceram, e o joven alemquerense tomou o habito de S. Francisco, no Convento de Villa Verde, em 2 de Maio de 1718. D'esta casa foi mudado para a de Peniche, começando, dentro em pouco, a fazer-se ouvir no pulpito com geral agrado e boa fama em diversas terras, mas, especialmente, em Setubal e Cezimbra. A sua primeira missa, por alma do seu bom pai, foi dita na igreja da freguezia aonde nasceu.

Em 1732 tendo concebido um ardente desejo de visitar Roma, e não podendo alcançar licença dos seus superiores para isso, resolveu ir secretamente, o que levou a effeito, gastando cinco mezes na viagem.

Duas vezes teve audiencia do papa Clemente XII, e quando regressou, a noticia do bom acolhimento que tivera, juntamente com as mensagens e graças de que foi portador, concorreram, sem duvida, para o pôr em evidencia na patria, valendo lhe a amisade e protecção dos sacerdotes mais eminentes d'aquella epocha.

Em 1737 foi nomeado Chronista da sua provincia, emprego de que desistiu, e, cinco annos depois, começou a prégar uma devoção especial a Maria Santissima, Mãe dos Homens, que foi a sua principal corôa de gloria. Para este effeito, estando no convento de Xabregas, mandou fazer uma formoza imagem de Nossa Senhora, e emquanto se estava fabricando e se edificava para ella uma capella condigna, andou em missões, por diversas terras excitando os povos ao culto da Virgem de aquella invocação, levando nas mãos uma imagem pequenina d'ella.

Durante dezeseis annos todos os seus esforços foram dedicados ao culto de Nossa Senhora, que n'elle chegou a ser fanatismo. A singeleza do seu caracter, e a pureza da sua vida auxiliaram o persuasivo da sua palavra. Os penitentes e os afflictos procuravam-o de dia e de noite, e elle não vivia senão para lhes valer.

Uma vida assim não podia ser longa. Uma erisepela cortou-lhe o fio d'ella em 9 de Abril de 1758, e uma campa no claustro do convento de Xabregas occultou-o para sempre dos muitos que o consideravão santo, e que o procuravam em todas as suas afflicções.

G. J. C. Henriques.

VASCO DA GAMA [1]

(Concluido do numero 669)

VI

OS TRES LEITOS

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a regia dignidade,
Te tirará do mundo, e seus enganos.

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. X, Est. 54.

Aqui tens companheiro, assim nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes em pobres leitos
Os que ao Rei, e á lei servem de muro!

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. X, Est. 23.

Cá neste labyrinto, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeu;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateu.

CAMÕES — Glosa de soneto.

Sobre as margens do Tejo ameno, oh! Viandante,
Numa praia que lembra as praias do Levante,
Não longe d'onde o mar co'o rio se mistura,
Se entrares no Edificio erguido na planura,
Nesse Edificio augusto, esplendido, e immortal,
Vestigio do esplendor das eras gloriosas,
Por entre as colossaes columnas majestosas,
Verás, na sombra occulto, um leito de granito,
Onde parece ter a mão da Patria escripto:
«Aqui repousa um grande Heroe de Portugal!»

Descobre, oh! Viandante, e inclina humilde a testa,
Que nesse mausoléo, alli, vês o que resta
Do grande Capitão, que foi Vasco da Gama,
Cujas acções dizer terás ouvido á Fama,
E cujo nome brilha eterno, universal.
Ditosa da nação que pode ao mundo inteiro
D'um filho assim mostrar o leito derradeiro:
Que só gigante mãe concebe tal gigante...
Descobre a fronte pois, descobre, oh! Viandante!
Que alli repousa um grande Heroe de Portugal!

*
* *

Oh! não! não pares! segue ávante, oh! Extrangeiro!
Esse Hospital sombrio erguido num outeiro...
Ah! quem da terra, quem pudesse e da memoria
Para sempre apaga-lo, e apagar da Historia
A mácula que imprime á Patria esse Hospital!
Alli, no esquecimento e lugubre abandono,
Dormiu, num duro leito, o derradeiro somno,
Sem ter ninguem ao pé que lhe fechasse os olhos,
Aquelle que hoje o mundo acata de geolhos...
Oh! genio de Camões, perdôa a Portugal!

Cantaste qual ninguem e qual ninguem soffreste,
Por que, de pranto e sangue, oh! Trovador celeste,
Teu verso fabricado, um dia, fosse em tudo,
No jubilo e na dor, da Patria a voz e o escudo:
Canto de amor na paz, na guerra hymno marcial!
Ávante! ávante! pois, oh! tu, quem quer que sejas,
Que já não dorme alli quem tanto ver desejas...
Mas podes ir dizer agora ao mundo inteiro,
Que, em nosso peito só, reposa, oh! Extrangeiro,
Aquelle que illustrou o mundo e Portugal!

*
* *

Que tristes ais que um dia os ventos nos trouxeram!
Que de inclitos Varões num dia além morreram!
Oh! Alcacer-Kebir! oh! falso Aldanho infausto!
Vós vistes consummar-se o horrivel holocausto,
Que tanto sangue bom custou a Portugal!
E, para mór castigo e cumulo de damnos,
Filippe, o mais cruel tyranno dos tyrannos,
Que ao ver tal cataclysmo exulta de alegria,
Em vez de auxilio, deu-te um leito de agonia,
(Oh! triste Lusitania!) á sombra do Escurial!

Alli, nessa gelada e negra sepultura,
Sob a pesada campa e a oppressão mais dura,
Haurindo um ar extranho, impuro, envenenado,
Cansado de esperar e de soffrer cansado,
Exhausto, ao somno, emfim, cedeste, oh! Portugal!
Somno lethal, que o sangue, outrora fogo ardente,
Em gelo t'o mudou, e em treva a luz da mente...

Oh! perfido Filippe! oh! crua, injusta Hespanha!
A quanto povo a tua inexoravel sanha,
Foi sempre, como a nós, fatal! fatal! fatal!

VII

AURORA

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhan serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.

CAMÕES — *Os Lusiadas*, Cant. IV, Est. 1.

Vinha apontando a Aurora...
Do cimo da collina, em fundo devaneio,
Depois de longa insomnia, e dormitando a meio,
Na mente comparava o que é, e o que era outrora
O povo portuguez;
E, como a pouco e pouco a sombra se esvaia,
Assim ia poisando em minha phantasia,
Mais densa cada vez.

Vinha crescendo a Aurora...
Qual rosco, immenso leque, em ondas purpurinas,
Oriente aos céos lançava as flammas matutinas...
De prompto vi — não sei se em sonho ou em facto fôra —
Mas vi, vi, com terror,
Dois homens lentamente erguendo-se, e erguendo
Entr'ambos a outro ser, tão vasto quão tremendo,
Naquelle resplendor.

Vinha raiando a Aurora...
E, á sua doce luz, descobrem, de repente,
Este uma lyra, aquelle espada refulgente,
Ao passo que o do meio em plena luz arvora
Um sceptro colossal...
Co'os olhos da alma então cuidei ver nessa chamma,
O grão Camões d'um lado, e d'outro o grande Gama
Erguendo a Portugal!

José Hénoliel.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

VIII

Em que Amalia pensa o que disse

Pois não estava contente não: e apenas se affastou o bastante para que a não ouvissem, parou na corrida e deixou de rir para perguntar a si mesma, assustada: «O que fui eu dizer»!

Parecia-lhe que devia arrepender-se de uma ou outra phrase que lhe tivesse escapado sem que a podesse conter, mas não sabia ao certo qual fosse. Tentava recordal as, uma por uma: «Esta não, aquella ainda menos» Ah! quando o papá lhe dissera.. ella respondera... e quando o senhor Poma observára que... ella interrompera-o para... Nada de especial .. coisas que estava ainda disposta a repetir... Comtudo, melhor teria sido callar-se; agora é que cahia em si..

«Sou como uma carta, pensou: fechada ou aberta; ou não me sacam uma palavra ou teem de me ler toda, o peior é que depois de me deixar ler. . arrependo-me... Não .. não me arrependo!»

Não obstante. sentia dentro em si inexplicavel mau estar; uma como mistura de piedade tardia e de inutil despeito contra si propria e contra elle, contra Frederico. Teimosa em puxar pelo fio da logica o novello d'aquella revoluçãosinha que no coração se lhe armára, punha de parte outros sentimentos indistinctos, outras ideias em embryão que d'aqui e d'alli lhe accudiam, impacientes de acarretarem cada uma com sua pedra para a construcção de um syllogismo.

Por ultimo fez o que desde o principio devia ter feito, recostou-se em um sofá, deixou que lhe accudissem as ideias como melhor lhes parecesse sem pretender coordenal-as, e permittiu ao seu cerebro de menina que trabalhasse como quizesse. Ao chegar a um determinado ponto, falando comsigo mesma, disse: «Tambem me achou antipathica, não ha duvida; e deve tel-o dito ao senhor Joaquim ou ao senhor Romulo, ou antes a ambos; pois nenhum d'elles poude protestar que não era verdade. Quer dizer, pois, que lhe sou antipathica e elle me é antipathico: elle acha que sou feia, e eu acho que elle é feio; estamos quites.

Reparou em que fallava em alta voz e callou-se; depois, esteve a pensar, um bom pedaço...

Ah! não sabem em quê?... Em como não dis-

[1] Do livro *Echos da Solidão*.

séra tudo... nem mesmo o bastante; havia na carta um post-scriptum assaz extenso, e era mister lêl-o tambem.

Parecia-lhe que a ruindade d'aquelle espirito ocioso, desalentado pela vida folgada e pela riqueza, merecia mais duas palavras. Não zombaria tanto como devêra ter feito de semelhante fatuo, que se julgava o iman das mulhéres e que nem já sabia amar.

—«Já não sabe amar, aquelle grande mentecapto!»

E immediatamente sentiu necessidade imperiosa, irresistivel de ferir tão estupida presumpção, de repetir áquelle nescio amargas verdades; de lhe fazer saber que ha alguem n'este mundo que não admira nem pouco nem muito a sua riqueza e o seu tedio, e que despreza a sua inutil vida... e que o acha antipathico.

A sua primeira ideia foi escrever-lhe:

«Saiba que o não posso tolerar; que me é antipathico, e que a sua vida ociosa e inutil me inspira dó» e pôr, por baixo, o seu nome e o appellido.

Comtudo, apoz breve lucta, venceu a prudencia Semelhante carta haveria sido uma creancice de pessimo gosto: meninas não escrevem cartas.

Não, o senhor Frederico não devia saber que era d'ella a carta: devia escrêvel-a anonyma, apenas, subscrevendo: «*Uma mulher.*»

A sua rectidão d'ideias revoltou-se então:

«Que pena! — disse Amalia — quer-me parecer que lhe assentavam muito bem umas palavrinhas n'este genero. Se é certo que ha tólas que se apaixonam por elle por saberem que é ocioso e vive aborrecido e lhe escrevem declarações em bilhetes perfumados, estou que d'este modo teria vingado o meu sexo... porque, não ha duvida, conhece-se-lhe na cara... despreza-nos a todas.

Ah! se houvesse modo de satisfazer a sua ira generosa sem menoscabar o decoro?

Ergueu-se no sofá, caminhou lentamente pelo quarto: parou deante da sua pequena escrevaninha... estavam ali papel, sobre-escriptos, penna e tinta; alli estava tambem o diccionario d'algibeira que lhe servia de conselheiro.

— Ah! que ideia!

Abriu o diccionario logo nas primeiras paginas e leu:

«*Antipathico*: adj. — que envolve contrariedade ou aversão natural. Diz se tambem de quem a desperta ou é objecto da mesma.»

Tornou a abril-o ahi pelas ultimas paginas e encontrou o seguinte:

«*Vão:* adj. — ouco, falto de realidade e solidez. Presumpsôso»

Em conclusão, buscou a palavra *inutil* e o diccionario respondeu-lhe:

«*Inutil*: adj. — o contrario de util. Inhabil, incapaz.»

Não hesitou um instante: agarrou na sua thesourinha de costura, recortou as tres definições do diccionario, metteu-as n'um sobrescripto e escreveu, com letras de imprensa, o nome e o appellido do senhor Frederico Melli.

N'este comenos, vieram dizer-lhe que estava a sôpa na meza; escondeu a carta, sorriu e disse comsigo:

«Durante o jantar eu acharei modo de saber onde móra; amanhã é domingo e, quando for á missa, eu propria deitarei a carta na caixa.»

— «Já te passou? — perguntou-lhe sorrindo Tranquilina.

— Já, — respondeu a donzella.

E á meza, Romulo emquanto servia a sôpa e atravessava o diametro á meza com seus extensos braços para collocar o prato cheio deante da Amalia:

— Minha senhora, disse — que tem, que a faz estar a rir... para dentro?

A donzella respondeu:

— Eu? nada!

Mas, entretanto, pensava:

«Ninguem o hade saber e fico vingada; e agore, se querem que eu case com o engenheiro Eneas, casarei.

(Continúa) *Pin Sél.*

CHRONICA DE PARIS

O medonho pezadelo que atormentou a França, está emfim, não direi dissipado, mas desvanecido. E' certo que os espiritos tão dolorosamente sobresaltados não retomarão immediatamente a sua costumada tranquillidade, mas pelo menos, Paris não tem já de contemplar todos os dias o triste espectaculo d'uma grande intelligencia e uma grande alma alvo de imerecidas injurias; tratado como um criminoso um dos maiores escriptores d'este seculo, e isto por ter empenhado todo o valôr do seu possante genio no cumprimento d'uma obra toda de justiça e misericordia.

Zola, foi accusado de ter assim sobresaltado a França para obter uma vaidosa satisfação ao seu orgulho. Não o creio; nem uma tão miseravel consideração se deve imaginar, podesse existir lado a lado com um grande valôr intellectual. Para mim tenho, que um caracter elevado é sempre o complemento d'um bello talento. O Creador, como superior artista, não deixaria assim defeituosa uma sua obra.

Creio que o altruismo foi o sentimento a que obedeceu Zola, e foi esse o que as suas palavras sempre teem traduzido.

Orgulho, creio Zola deve sentil-o, não porque a sua voz e o seu nome tiveram o poder de dar a este processo tal valôr, que toda a Europa por elle se interessou, e que a imprensa de todos os paizes lhe consagrou os seus melhores artigos, e reservou ás chronicas das audiencias grande numero de columnas.

Esse orgulho seria pueril, mas justificado e nobre é o de ter tido a coragem de em prol da justiça e no cumprimento do que julgou um dever, ter sabido sacrificar o seu repouso, a paz do seu lar e até a liberdade. Esse orgulho, creio Zola o sentira e a certeza de que estão com elle todos aquelles para quem justiça e humanidade não são palavras sem sentido, e pelo contrario comprehendem todo um codigo de moralidade, dar-lhe-ha a coragem de cumprir essa sentença que a Historia, imparcial, registrará como uma das glorias do grande romancista.

Mal avisado andou o governo fermentando nas ruas a excitação contra Zola e juntando-lhe manifestações de odios de raça, sempre tão perigosos, pois que difficil é depois de lançados saber-se até onde irão. Semilhantes emprezas são sempre um grave risco, tanto para a ordem social, como para a segurança nacional. Ha muitos annos que Paris não ouvia nas ruas provocações á guerra civil e á guerra de raça; agora grandes multidões percorrerem os *boulevards* gritando: morte aos judeus! morte aos traidores! e esses manifestantes quebravam os vidros das magnificas *deventures* dos estabelecimentos israelitas por onde passavam. Eguaes scenas se deram na provincia e para as reprimir foi preciso empregar a força armada. Que a França se não illuda. A desordem é contagiosa e os seus passos largos e apressados, quando ella passe do dominio do espirito para o da rua, Deus sabe até onde irá. Da casa do judeu ao rico palacio do capitalista é pequena a distancia, e as mãos afeitas ao roubo das casas judaicas, talvez não hesitem em se apoderarem dos thezouros possuidos por homens *d'outra* crença. Que a França não esqueça as profundas lições dadas pelo extraordinario processo, cujo resultado definitivo não se sabe ainda qual será, pois que Zola appellou da sentença do jury.

* * *

Devido talvez ás graves preoccupações que nos ultimos dias antes do carnaval pesaram sobre todos os espiritos, este passou-se pouco animado. Não houve *Vachalcade*, esse cortejo tradiccional de que o parisiense tanto gosta e que é realmente bonito. Costumava ser sumptuoso, mas a commissão da Vachalcade que o anno passado tivera um *defficit* de 50,000 fr., em vista do Concelho Municipal não dar este anno mais subsidio do que 25,000 fr., e a Companhia do Caminho de ferro 4,000. entendeu depôr o mandato e por isso faltou o typico cortejo de terça feira gorda.

*

Qu'est-ce que l'Art?

E' este o titulo d'um grande trabalho a que Tolstoi ha pouco deu fim e em que o grande escriptor russo procura mostrar que em França é que mais principalmente se accentua a decadencia da Arte.

Diz assim. «Comme la France est toujours en avance et comme les autres nations la suivent, il a la un grand danger. C'est dans son germe qu'il faut attaquer le mal.»

E mais abaixo:

«L'art moderne en France est l'art des Decadents, poetes abstrus derivés de Bodelaire, peintres pointillistes, impressionistes et autres, a la suite de Puvis de Chavannes, dont la *naiveté artificielle* est insupportable, musiciens incompréhensibles qui subissent la déplorable influence de Wagner, tons des Decadents!»

Se Tolstoi visitasse n'este momento Paris, se entrasse na exposição da rue Boissy-d'Anglas, veria que em França a arte não está decadente, e forçoso lhe seria confessar que os artistas que produziram as telas de subido valor allí expostas, e entre ellas os quarenta e oito retratos, não são decerto «*Decadentes.*» O retrato de M. Hanotaux, por Benjamin Constant. Os filhos do Principe M., por Carolus-Duran, o de *Madame* Rose Caron por Leon Bonnat, e muitos outros assignados pelos melhores mestres da pintura franceza diriam a Tolstoi que o paiz onde ha taes artistas continuará sempre na vanguarda das nações onde a Arte tem culto verdadeiro.

A esculptura tambem está bem representada no Cercle Artistique. Os bustos de Goutant-Biron, faxem que o olhar se fixe pasmado, perguntando com assombro se da rigidez do marmore se pode extrahir tal expressão, como a do busto do Duque d'Aumale, tanta graça, como se admira no da viscondessa de Flers.

Não, a arte em França não está decadente. Se na segunda feira passada Tolstoi tivesse tido, como eu, a felicidade de têr sido convidado por algum dos membros da Société des Amis du Louvre, a ir assistir á primeira exhibição da explendida tela de *Piero de la Francesca*, a *Madona*, comprehenderia observando o recolhimento exthatico do grande numero de escolhidos que alli se achavam que onde a arte tem tantos devotos, os sacerdotes d'esse culto não podem ser decadentes.

Fallando-lhes de pintura é com orgulho e prazer que vou denunciar aos leitores do OCCIDENTE, que no proximo *Salon* um portuguez exporá tambem um quadro a que alguns dos grandes mestres da pintura franceza tem dado sinceros elogios, e que por certo vae dár levantada idéa dos artistas portuguezes.

Uma Tarde de Setembro, é uma tela de 1,^m80 de largura 1,25 de altura Uma paizagem do Morbian, doce e melancholica, a que o artista soube dar toda a alma e sentimento. Não é vista aquella paizagem, é sentida. Um pôr de sol cheio de poesia. Sente-se passar a aragem que acaricia as estevas da montanha e que agita a touca da bretã, que, em baixo, na estrada pedregosa empurra um carrito de mão. O sol esconde-se para lá dos montes, mas ainda illumina o val deixando o resto já em sombra. E' maravilhoso, asseguro-lhes, e para mim a quem as magnificencias dos monumentos parisienses não fazem esquecer as bellezas do nosso Portugal, vêr triumphar um artista portuguez faz-me vibrar o coração com uma doce alegria.

Mas agora reparo que falando-lhes do quadro calei o nome do auctor, esse nome a quem auguro a gloria e que é hoje d'um artista, que apesar da sua modestia, o grande pintor Laurens, que foi seu mestre, aprecia devidamente, e a quem todos os artistas da colonia portugueza, assim como muitos francezes, vaticinam largo futuro.

E um rapaz do Porto, o senhor José Raphael, que ha 3 annos está em Paris, tencionando logo que esteja aberta a exposição do Salon, partir para Lisbôa de passagem para o Rio de Janeiro onde vai visitar uma sua irmã casada alli com um rico capitalista.

*

Dois *fiascos* a registrar no theatro. Affranchie de Maurice Donney, e Transatlantiques d'Habel Harment. Esta ultima é uma fina critica aos casamentos com ricas americanas, que douram com os seus milhões os brazões da antiga nobreza, e essa atracção de quasi pseudo-escandalo (porque esse genero de casamento é vulgar em Paris) deu-lhe um pequeno successo, que o pouco merecimento da peça não deixou consolidar.

No Vaudeville está-se representando uma *phantasia historica* de Victorien Sardou, intitulada *Pamela* e que é a pretendida fuga de Luiz XVII da prisão de Templo.

Como vêem o thema não pecca pela originalidade, e só a finura, a habilidade e o consumado engenho do auctor, podiam dar-lhe interesse.

E impossivel impressionar, apresentando um quadro historico por todos conhecido como falso. Hoje ninguem duvida que essa infeliz creança, que deveria chamar-se Luiz XVII se tivesse reinado, morreu no Templo, os mais documentados historiadores o affirmam, portanto só como phantasia se póde aceitar a pretendida troca por outra creança, apresentada por Victorien Sardou.

Pamela, é ainda assim um bonito drama, e Béjane faz o papel de protogonista de forma inexcedivel.

Paris, 5.

M.^me de Mello.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Registo bibliographico *da Agencia Universal de Publicações*, em que que se annunciam os livros á venda n'aquella empreza, cuja fundação data de 1889 e onde existem verdadeiras raridades.

Revista de Direito e Jurisprudencia — *director Francisco Maria da Veiga e secretario da redacção Trindade Coelho.* Entre os redactores d'esta nova revista lisbonense contam-se os srs. Manuel Fratel e Martins Carvalho, nomes bem conhecidos no fôro. E' publicação util e interessante, merecendo a maior acceitação. Além dos artigos de caracter especulativo, a *Revista de Direito e Jurisprudencia* divide-se nas secções *doutrinal*, comprehendendo as consultas e as respostas, *decisões dos supremos tribunaes, decisões das relações*, comprehendendo as do Ultramar, *decisões de 1.ª instancia, processos notaveis, correspondencias, legislação*, cujo conhecimento mais convenha aos tribunaes, e *bibliographia.*

Um magnifico plano, que está bem desenvolvido, a ajuizar pelo já publicado.

FREI JOÃO DE NOSSA SENHORA O FRADINHO DE XABREGAS

(Copia de um retrato existente na Bibliotheca Publica)

La Revue illustré du Portugal — *publication mensuelle — directeur Carlos Lisboa.*

Esta publicação vem continuar a apreciada *Gazette Diplomatique et consulaire du Portugal*, a que já nos temos referido com elogio. O ultimo numero recebido insere os retratos de Agostinho Ornellas, Esmeraldo Robin de Moura e de José Anchieta.

A substituição do titulo da elegante revista foi motivada por se julgar no estrangeiro que ella era um periodico orgão de classe, e não uma publicação de mais largo programma.

Diversas revistas e boletins — É grande o numero de revistas e boletins que ultimamente nos teem honrado com a sua visita. Entre ellas destacaremos as seguintes, cujas noticias do seu apparecimento aqui reunimos, na impossibilidade material de dar de cada uma d'ellas noticia circumstanciada.

«A Ceres» — *revista illustrada* que se publica em Lisboa e tem por director o sr. Felisberto Simplicio.

«Amphion», *revista quinzenal* de musica theatro e bellas artes, da qual são proprietarios os srs. Neuparth & C.ª

«Estrella d'Alva» *revista quinzenal* litteraria, noticiosa e humoristica. Publica-se em Castello Branco e tem como redactores os srs. Arthur Silva e Antonio Grave.

«Trip-Trap» periodico illustrado que se publica no Funchal. E' seu editor o sr. João Rodrigues Figueira.

«A Actualidade», *revista dos Açores, illustrada, — Jornal do domingo.* Esta magnifica publicação é impressa em Ponta Delgada. Tem por director litterario o sr. Victor Cabral, director artistico sr. Ferreira Cordeiro, secretario-gerente sr. Alexandre de Sousa Alvim.

«A Agricultura Contemporanea», *revista mensal agricola e agronomica. Lisboa.*

Esta importante revista foi fundada em 1886 pelos illustres professores agronomicos srs. Verissimo d'Almeida, A. X. Pereira Coutinho, F. Julio Borges, e alcança presentemente o seu 8.º anno de publicação.

Revista critica de Historia y literatura espanolas, portuguezes e hispano-americanas — *Madrid.*

Entrou no seu terceiro anno, reduzindo o seu formato a proporções mais manuseaveis. Sempre inclinada a assumptos portuguezes, merece-nos a maior sympathia. Collaboram n'ella muitos dos nossos mais distinctos escriptores. É seu director o illustre cathedratico hespanhol D. Rafael Altamira.

O Occidente dos Açores — *revista litteraria.* Esta conceituada revista selectamente collaborada tem por director e editor o sr. Abilio da Silva; publica-se na Horta, e já iniciou a sua segunda serie.

Portugal Agricola, *dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias.*

Esta importante revista tem por proprietario e redactor principal o illustre agronomo sr. João Achilles Ripamonti, e a sua publicação é feita em Lisboa.

Os seus artigos, sempre selectos e interessantes, apresentam subida utilidade e notavel criterio, a par da melhor doutrina sobre os assumptos agricolas. Está já no seu nono anno de publicação.

Boletim *da real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes.*

Temos presente os n.ºs 11 e 12 da apreciavel publicação, tão interessante, e tão bem redigida. Distinguiremos entre outros, os estudos do nosso amigo e illustre collaborador sr. Gabriel Pereira, ao qual o boletim tanto deve. E' muito util o seu artigo *Bibliotheca Nacional de Lisboa*, em que enumera os codices em pergaminho com illuminuras que aquella bibliotheca possue. Da sua maioria publicámos em tempo noticia desenvolvida nos artigos intitulados *Manuscriptos illuminados.*

Boletim *do Instituto portuense de estudos e conferencias. — Porto.*

N'este numero do apreciado boletim, veem insertos dois estudos de muito valor. São elles *Liquidação Social* e *Duas palavras sobre a India*, interessantes conferencias dos srs. dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto e Alexandre José Sarsfield, realisadas no Instituto Portuense, e ainda uma communicação ácerca de José Anchieta feita pelo sr. Francisco José Patricio.

O Seculo. — *supplemento illustrado — Director litterario Accacio de Paiva — Director artistico — Jorge Collaço — Propriedade da Empreza do jornal o «Seculo» — Lisboa.*

Com a maxima regularidade, tem-se publicado este supplemento humoristico, com que os dois talentosos directores espalham as suas graciosas producções, sempre apropriadas aos acontecimentos mais palpitantes da politica e da capital.

O Correio. — *publicação mensal — Janeiro de 1898.*

Entre as multiplas e variadas publicações periodicas, artisticas, litterarias, scientificas e illustradas, editadas em Portugal, nota-se, ha muito, a falta d'uma que ministre a todos informaçõs minuciosas e seguras sobre os diversos serviços que o correio presta.

O Correio propõe-se preencher essa lacuna, visto que comprehenderá nas suas paginas tabellas de portes, kalendario postal indicando datas de expedições, horas de tiragem, etc., a par de uma escolhida e variada parte litteraria sobre varios assumptos, formando d'este modo uma publicação não só agradavel, mas sobretudo util.

Le Monde Moderne. — *Paris — Rue Sant-Benoit, n.º 5 — Paris — Janvier et Fevrier — 1898.*

Entrou no seu quarto anno, e no seu tomo VII esta interessante revista parisiense a que tantos e merecidos elogios temos rendido.

Eis o sumario do ultimo numero, que, como sempre, é variado, selecto e profusamente illustrado:

Péril d'amour, por Daniel Lesueur. — *Cours elementaire de chic*, por Xanrof. — *Collection de météorites*, por Stanislas Meunier. — *Le Mont Ararat*, por Alexandre Boutroue. — *Les grandes maisons de ville de la Belgique*, por Edgar Monteil. — *La Bourse de Paris*, por Un Coulissier. — *Excelsior!* por Mme Marthe Stiévenard. — *L'Enseignement supérieur des femmes*, por B.-H. Gausseron. — *Un Miserable*, por G. de Geijerstam. — *Georges de Feure*, por Octave Uzanne. — *Evénements géographiques et coloniaux*, por Gaston Rouvier. — *Causerie scientifique*, por G. Mareschal. — *Le Mouvement litteraire*, por Léo Claretie. — *Chronique théâtrale*, por Maurice Lefrevre. — *La Mode du mois*, por Berthe de Présilly. — *Memento encyclopédique*, por Guillaume Danvers.

Questions financiéres. — Le Mois comique. — La Vie pratique. — La Cuisine récréations. — Bibliographie.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo, representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39